A. SANTOS GRAÇA

A Crença do Pòveiro nas "Almas Penadas,,

SEPARATA
DA
"HOMENAGEM A MARTINS SARMENTO,,

PÓVOA DE VARZIM = PORTUGAL
1934

A. SANTOS GRAÇA

A Crença do Pòveiro nas "Almas Penadas„

SEPARATA
DA
"HOMENAGEM A MARTINS SARMENTO„

PÓVOA DE VARZIM — PORTUGAL
1934

A Crença do Pòveiro nas "Almas Penadas,,

Nos povos da beira-mar, a superstição da aparição dos «*espíritos*» revela, com as suas angústias e temores, um fundo moral impressionante. Superstição arreigada em todos os povos, principalmente nos da Ibéria, não sei se a do Pòveiro se irmana com a mesma concepção doutros povos. Desta dúvida me veio o desejo de arquivar os seus aspectos locais.

Admite o Pòveiro três espécies de *almas*: as dos *justos*, que, mal se *despegam* do corpo, vão gozar a Bem-aventurança; as *boas*, mas que certas faltas em vida obrigam a penar até à remissão; e as *más*, que não têm lugar nem no cèu nem no inferno, andando errantes entre «*ares e nuvens*» para o todo o sempre.

São as duas últimas espécies — as «*Almas penadas*».

As *boas*, antes da instituïção das devoções e confraria das almas e dos sufrágios que se fazem para o alivio e resgate das *almas do purgatório*, levantavam-se das campas ao «*toque das Almas*» (1) e, reünidas em procissão, campainha à frente, tôdas vestidas de branco, vinham pelas ruas e lugares dos povoados em penitência e suplicando aos vivos rezas e sufrágios para as aliviarem das penas em que estavam. Ninguém, dessa hora em diante, saía à rua. E conta-se:

— «A uma vèlhinha, a *tia* Margarida Moleira, ouvi eu contar que, sendo forçada pela *noite morta* a passar pela velha Igreja da Misericórdia (2) e reparando que a porta estava aberta, entrou, recuando em seguida, estarrecida, ao ver que os mortos se tinham levantado das campas e estavam a ouvir uma missa! Também a

---

(1) Nove badaladas do sino às 21 horas. Ainda hoje se mantém esta tradição.

(2) Matriz da Póvoa-de-Varzim até 1757. Era no seu adro que se faziam os enterramentos.

tia Janela afirmou que, num serão, carecera de acender uma candeia e que, dando pela falta de *lumes*, viera à porta ver se passava alguém para lhos pedir. Abrindo o postigo, viu que vinham ao longe muitas luzes e, quando estas se abeiraram, pediu um *lume*, que lhe foi entregue pelo postigo. Acesa a candeia, quando ía entregar a vela que tinha recebido, já o grupo se tinha distanciado, reparando ela, então, que em lugar de uma vela lhe tinham entregado uma *tíbia!* Fôra no dia seguinte confessar-se, sendo-lhe dado o conselho de à mesma hora esperar novamente o grupo e entregar à que fôsse sem luz o que lhe tinha sido dado. « *Eram almas boas que andavam a pedir orações* ».

— « O *tio* Manuel da Salvadá andava na praia de Abremar ao argaço, quando viu uns vultos, todos de branco, encaminharem-se para ali. Escondeu-se por trás do penedo [1] de Santo André; mas, dentro em pouco, viu que o cortejo rodeava o penedo em romagem, rezando, dando a volta três vezes e retirando em seguida. Não lhe fizeram mal nenhum, mas apanhou um grande susto ».

— «E eu e meu pai íamos para a praia de Abremar à uma hora da madrugada, com destino à apanha do sargaço. Levávamos às costas as *gravêtas*. Ao chegarmos ao caminho que vai ao areal, reparamos que por êle vinham, do lado mar, muitas luzes. Aterrados, saltamos ao campo e encobrimo-nos com as giestas da vedação. O cortejo passou sem nos fazer mal nenhum. A' cautela, seguramos com a mão direita as *gravêtas*, porque é velha crença que estas fazem arredar todos os malefícios por terem a forma de cruz ».

E' crença absoluta que o culto profundo pelas *almas do purgatório* com o *Mês das almas* (Novembro), as *novenas*, os *terços* familiares e os *padre-nossos* às refeições, tudo rezado por intenção das almas penadas, fizeram com que fôssem rareando êstes cortejos macabros até desaparecerem completamente.

Foram-se, assim, as súplicas das almas em conjunto, mas surgiram as solicitações isoladas, através dos *corpos-abertos* onde o *espírito* vem *falar* para contar as suas faltas e suplicar, aos seus parentes, que as remedeie para alcançar o « *eterno descanso* »:

— « O Manuel Luís [2] *falava* para a filha da *tia* Ruça, que tinha morrido há meses. Estando à hora do meio-dia a conversar ao portão da casa onde morava a rapariga, caiu redondo. Acudiram-lhe, e, passada meia hora, caiu outra vez sem sentidos.

---

(1) Santo André é para a gente da beira-mar o *pescador* das almas. Existe a crença de que o Santo deixou vincada uma pègada naquele penedo.

(2) Já descrito no « Pôveiro » pág. 87.

Então, desconfiando-se que fôsse espírito, uma mulher animosa puxou por êle: «*Quem és? O que queres? Fala!*» E o espírito falou: «*Sou a Ruça. Diz a meu homem que devo uma romaria à Senhora do Alívio e que não sossego sem que êle a cumpra*». Os presentes foram ter com o homem, que era o *tio* Sencadas, mas êle não acreditou. Levaram-lhe, em vista disso, lá o rapaz, e o espírito falou de novo: «*Sou eu. Vai fazer a romaria e eu lá te aparecerei tal qual fui dêste mundo*» Foi tôda a família e o rapaz fazer a romaria à Senhora do Alívio, e, quando estavam no Mosteiro, o rapaz gritou, deitando-se ao chão: «*Ela aí vem*». E, então, o homem reconheceu-a, vestida com o hábito da Senhora do Carmo, tal qual tinha ido a enterrar, dizendo-lhe ela: «*Quando saires daqui, verás uma pomba branca; despede-te, então, de mim para sempre*». E, de facto, viram a pomba branca a voar, a voar, até desaparecer.»

— «No dia de Páscoa, a *tia* Margarida caiu sem sentidos ao meio-dia. Acudiram-lhe as filhas e começaram a preguntar-lhe: «*Que tens? Que tens?*» E, então, ouviram uma voz, parecida com a do pai, que tinha morrido há meses: «*Não posso sossegar. O vosso irmão roga-me pragas por julgar que eu o prejudiquei na divisão dos barcos. Quero-me perdoar com êle*». As filhas foram a correr buscar o irmão, que disse ao espírito: «*E' verdade eu rogar pragas; mas não quero que o meu pai sofra. Perdoe-me, como eu lhe perdôo*»; e o espírito respondeu: «*Vou sossegado; ficai em paz!*» E a *tia* Margarida veio a si, completamente boa, não sabendo do que se tinha passado, nunca mais lhe sucedendo nada.»

E' profunda a crença nestas *falas*, vendo-se constantemente famílias inteiras em romagens distantes a cumprir promessas que as almas dos seus mortos lhes pediram para cumprir através dos *corpos-abertos*.

Quando o *corpo-aberto* cai inerte ao receber o *espírito*, as interrogações são feitas por pessoas animosas e com todo o cuidado pois pode bem ser que o Diabo «*como já tem sucedido*», finja de alma e fale como sendo ela para a «*desacreditar e perder*». Quando ha desconfiança da maldade do Diabo, levam o *corpo aberto* ao Amparo (capelinha perto da Apulia, concelho de Esposende) e ali, com exorcismos, afugentam-no.

Com estas almas boas, embora com certos temores e sustos, tudo se arranja, porque, cumpridos os seus desejos, nunca mais voltam a incomodar os vivos—pois vão para o «*eterno descanso*».

O pior são as almas *más*, que andam entre «*ares e nuvens*» e que de noite, feitas *fantasmas*, aparecem nas casas que habitaram em vida. Essas, sim, é que apavoram! Surgem, algumas vezes, corporizadas, vestidas tal qual andaram neste mundo; outras vezes, entram invisíveis, mas sentem-se-lhes os passos, o seu abrir e fechar de portas; batem palmadas nas costas dos novos inqui-

linos da sua antiga casa; puxam-lhes pela roupa da cama; apagam, soprando, as luzes; — um horror!

Ninguém quere ver nem visitar estas casas malditas!

Mas, porque tamanha condenação? — Porque em vida essas almas foram prejudiciais à comunidade: não foram escorreitas nas suas acções, praticaram actos que não podem ser perdoados por Deus: desonestaram, apoderaram-se de bens que não eram seus, assassinaram, juraram falso: não podem ter descanso. *«Esqueceram-se de que teriam de dar contas a Deus»!*

— «Os bons não aparecem; são só os maus. Olhe aquele que aparece na casa da Praça: p'ra o fim já dava esmolas, mas nada lhe valeu. No Brasil tratava mal os escravos, desonestava as pobres pretas e mandava matar os filhos. Não tem mais perdão. O de Abremar queria açambarcar tôda a terra, mudando de noite os marcos e roubando a terra aos pobres, que tinham mêdo das suas demandas. Lá anda a errar pelos campos, sem descanso. Apareceu uma noite ao Ruço còveiro e pediu-lhe que mudasse os marcos, e o pobre homem fugiu espavorido. A casa caíu em ruínas, porque ninguém a quis habitar, nem sequer chegar à beira. Com o do Sul, ali ao pé da Lapa, dá-se o mesmo. Já morreu de susto a pobre mulher que caiu em habitar-lhe a casa, tantas foram as vezes que êle lhe apareceu. E todos estes maus, feitos fantasmas, foram assim.»

E como estes casos, contam dezenas dêles, citando nomes.

Tendo nessa crença o espectro formidável para todos os egoismos e maldades, o povo que a concebeu e mantém, dando-nos com ela uma formosíssima lição moral, não pode deixar de possuir os melhores sentimentos.